



A princesa e o seqüestrador

*Tudo fora planejado cuidadosamente
(armas, algemas, esconderijo, mensagem de resgate),
mas aconteceu o imprevisto*

PETER BROWNE

POUCO depois das 7:30 da tarde de quarta-feira, 20 de março de 1974, a Princesa Anne da Grã-Bretanha e seu marido, o Capitão Mark Phillips, saíram de um cinema londrino onde acabavam de assistir a uma exibição para fins de caridade e se

instalaram no banco de trás de sua limusine marrom que os aguardava próximo da catedral de Saint Paul. Quando o carro deixou lentamente o local, nenhum dos seus ocupantes notou que eram seguidos por um Ford Escort branco que estivera estacionado ali perto.

Ao volante do Ford alugado, ia um homem magro, de 26 anos, Peter Sidney Ball – ou Ian Ball, como ele próprio se identificava. Muito compenetrado, dirigia o carro, meditando nos detalhes do crime que havia três anos vinha planejando cuidadosamente. No dezembro anterior, Ball fizera uma viagem de avião à Espanha e adquirira dois revólveres num armeiro de Madrid: um calibre 38, de cinco tiros, e um calibre 22, de onze tiros. Passadas ilegalmente para a Grã-Bretanha, essas armas, agora carregadas, estavam escondidas em seu carro, assim como quatro pares de algemas (dois dos quais ligados para formar grilhetas para as pernas); dobrada, no bolso do paletó, guardava uma carta datilografada dirigida à Rainha Elizabeth. Ian Ball planejava raptar a filha da rainha e conseguir um resgate de três milhões de libras.

NO INTERIOR da limusine, a princesa e seu marido conversavam com a dama-de-companhia Rowena Brassey. Como outros carros pertencentes à família real, o NGN 1 não era equipado com janelas à prova de bala, nem rádio de emergência, pois essas medidas de proteção eram consideradas de mau aspecto; além disso, a rainha detestava o espalhafato a que os serviços de segurança a obrigavam.

O NGN 1 passou o Arco do Almirantado e entrou no Mall, a larga avenida que atravessa o St.

James's Park e vai até o Palácio de Buckingham. Ao lado do motorista, seguia o inspetor James Beaton, de 31 anos, o «guarda pessoal» designado para proteger a Princesa Anne. Dentro do coldre, dissimulado debaixo do seu paletó, havia uma Walther PP automática, que era a única proteção da princesa.

ERA improvável que Ian Ball tivesse pensado em seqüestrar a princesa no centro de Londres. Seu plano era aguardar que lhe surgisse uma ocasião mais favorável no interior do país, no Surrey, perto da residência dela, na Real Academia Militar de Sandhurst, onde seu marido era instrutor. Havia já sete dias que Ball vinha seguindo os movimentos de Anne, aguardando uma oportunidade.

Houve, porém, um pormenor que ele não previra. Naquela quarta-feira, de manhã, quando estacionara perto do portão dos fundos da Real Academia Militar, seu carro branco despertou a atenção de um policial que andava investigando um assalto que se dera nas proximidades. Ao ser interrogado, Ball apresentou uma carteira de motorista passada sob o nome falso de John Williams. Seu carro foi revistado, mas, como tudo estava legal, não havia motivo para deter o suspeito.

Ball, no entanto, ficou perturbado com esse episódio, e compreendeu que não podia adiar por mais tempo seu projeto. Telefo-

nando para o gabinete de imprensa do Palácio de Buckingham, soube que a princesa partiria para a Alemanha dentro de cinco dias. Lutando com indecisão, nesse fim de tarde seguiu a princesa através de Londres, atraído como que por um ímã, aproveitando todas as oportunidades de observar seus movimentos.

Quando seguia a limusine pelo Mall, deparou com o Palácio de Buckingham a cerca de 500 metros, e compreendeu que, daí a 30 segundos, a Princesa Anne estaria outra vez fora do seu alacance. Anoitecia e as sombras cobriam já o Mall, muito mal iluminado por lampiões da época vitoriana. De súbito, seu cérebro doentio, motivado pela impaciência e pela frustração, fez-lhe abandonar todas as precauções. Não conseguia esperar mais tempo.

Ball acelerou e foi atravessar seu Ford em frente da limusine real. Parando bruscamente, obrigou o motorista a frear com violência para evitar a colisão.

Quando o guarda-costas da princesa, James Beaton, viu um homem (que, a princípio, julgou ser um motorista enfurecido) sair do Ford e caminhar rapidamente em direção a eles, veio para fora e contornou a traseira da limusine para se inteirar do que se estava passando. Empunhando um revólver calibre 38, Ball chegou perto da janela da frente do lado direito. «Desligue o carro», ordenou ao motorista. Depois aproxi-

mou-se da janela traseira e disse para a Princesa Anne: «Venha comigo. Preciso de você durante dois dias.»

O ESCONDERIJO estava preparado; era uma casa a oito quilômetros da residência de Anne em Sandhurst. Ball, dando o nome suposto de Jason Van der Sluis, a alugara por seis meses informando o senhorio de que desejava em breve se mudar para ali com sua esposa. Cuidadosamente, preparara o esconderijo para nele instalar a princesa, colocando cobertas e lençóis novos na cama, toalhas, despertador e até uma escova de dentes — tudo comprado em grandes lojas, como Woolworth's Boots e Marks and Spencer, para não deixar qualquer pista. Havia comida suficiente para alimentar duas pessoas durante uma semana.

Numa máquina de escrever Olivetti alugada, escrevera a carta dirigida à rainha exigindo o resgate: «Sua filha foi raptada. Quero três milhões de libras em notas de cinco, em troca da sua libertação. As notas têm de ser usadas, sem marcas, nem preparadas com qualquer produto químico, e a numeração não deve ser seguida.» Explicava que o dinheiro devia ser posto em malas não fechadas a chave, colocado a bordo de um avião que posteriormente decolaria rumo à Suíça, e dava ainda as seguintes instruções: «Um carro da polícia vai se encontrar comigo e com Anne na rotunda antes da

entrada para o túnel que conduz a Heathrow (aeroporto de Londres) às sete da manhã, a fim de escoltar nosso carro até o avião.»

Ball prometia que, quando ele estivesse a salvo em Zurique e com imunidade assegurada pela polícia suíça, a princesa seria libertada. Exigia, no entanto, uma garantia de perdão pelo rapto e por outros crimes que ele, porventura, cometesse, inclusive «a morte de qualquer policial».

CONTORNANDO a parte de trás da limusine, o guarda-costas Beaton deu de caras com um sujeito alto e magro que lhe apontava um revólver. Ball disparou duas vezes. Uma bala raspou o paletó de Beaton; a outra atingiu-o num ombro e foi lhe perfurar um pulmão. Beaton só reparou que estava ferido quando, ao sacar de sua arma, sentiu o braço perdendo forças. O primeiro tiro não atingiu Ball. Tentou novamente, segurando a Walther com ambas as mãos, mas, nesse momento, a pistola emperrou.

Enquanto Beaton recuava, procurando desemperrar a arma, o motorista Alec Callender aproximou-se de Ball pelas costas e tentou arrancar-lhe o revólver. «Eu o mato!», disse Ball, e disparou à queima-roupa. O motorista cambaleou, caindo sobre o banco dianteiro com uma bala no peito.

Enquanto isto acontecia, a dama-de-companhia Rowena Brassey esforçava-se por abandonar o

carro pela porta traseira e deixar espaço à Princesa Anne para fugir, mas Ball conseguiu agarrar o braço da princesa, ordenando-lhe: «Saia, por favor!» Voltando-se para o guarda-costas, agora junto da porta do lado oposto ao do motorista, gritou: «Largue a arma ou disparo na moça!»

Beaton não teve outra alternativa e deixou cair o revólver emperrado.

Iniciou-se então uma estranha luta de safanões. Ian Ball tentava arrastar a princesa por um braço, enquanto Mark Phillips, abraçado à cintura da esposa e inclinado sobre ela, procurava fechar a porta. Beaton entrara para o carro com a intenção de colocar-se entre Anne e o seqüestrador. Para distrair Ball, a princesa, com voz calma, perguntou-lhe por que queria raptá-la, ao que ele respondeu: «Para arranjar uns milhões.»

Assim que Beaton avançou um pouco, Mark Phillips conseguiu fechar a porta: «Abra!», gritou Ball, «senão disparo!»

Beaton colocou a mão diretamente em frente do cano. A bala estilhaçou o vidro da janela e se alojou na palma de sua mão. Ferido por duas vezes, impeliu a porta violentamente com os pés, tentando desequilibrar Ball, mas o ardil não resultou e, pela terceira vez, o raptor disparou sobre James Beaton, atingindo-o no estômago. Tropeçando, o inspetor, desfalecido, tombou no carro, no meio do buquê desfeito da princesa.

Haviam passado talvez 90 segundos desde que Ian Ball atravessara o Ford na frente da limusine real. Outros automobilistas olhavam cheios de curiosidade e receio. Ao longo do Mall, ia se formando um engarrafamento de carros que buzonavam. A cerca de 100 metros, o policial Michael Hills ouviu uma explosão que lhe pareceu provir do escape de um automóvel. Então, reparou na confusão do tráfego. Aproximando-se, reconheceu a limusine marrom e, pelo rádio, comunicou à delegacia de Cannon Row que um automóvel da Casa Real parecia estar envolvido num acidente. Esquivando-se ao trânsito, Hills atravessou a avenida. Mais perto, reparou que o vidro da janela traseira do lado direito da limusine estava quebrado e que havia um homem estendido no interior. Alguém gritou para Hills: «Não se aproxime seu doido. Ele está armado.» Assim mesmo, o policial avançou. Agarrando no cotovelo do pistoleiro, perguntou: «Que está se passando aqui?» Ball virou-se e disparou sobre Hills, atingindo-o no estômago.

O assaltante já esvaziara o carregador do revólver calibre 38; foi uma bala 22 da sua segunda arma que quebrou a corrente que prendia o apito do policial, atravessou um bloco de anotações que estava em seu bolso e se alojou perto do fígado. Hills teve a sensação de que tinha recebido um violento soco. Jogando-se no chão, por de-

trás da limusine, informou Cannon Row: «Fui ferido a tiro. Problemas com carro da família real. Há um homem armado. É necessário socorro urgente.»

Aos 19 anos, Ian Ball começara a se interrogar sobre seu próprio comportamento. Sofria de alucinações, julgava ser perseguido, sentia tendência para o suicídio, imaginava ouvir vozes. Procurou tratamento psiquiátrico e se tornou uma das 150 mil pessoas que na Grã-Bretanha são consideradas esquizofrênicas. No entanto, rejeitou internamento. Arrastou-se por uma série de empregos mal remunerados, começou a praticar pequenos delitos e logo foi fichado pela polícia. Sonhava executar um crime perfeito que o tornasse um *playboy* milionário, e lhe desse sucesso com as mulheres.

À medida que a doença se agravava, ele ia se tornando mais reservado. Em setembro de 1972, foralhe passado um certificado onde se mencionava que sofria de desequilíbrio mental e depressão nervosa. Então, abandonou o último emprego para passar a receber um subsídio de 12 libras semanais de assistência social. Vivia sozinho num quarto, em Bayswater; pouco saía e não falava com ninguém; então, começou a planejar o seqüestro.

NO MALL, Glanmore Martin fez recuar o Jaguar que dirigia até encostá-lo ao pára-choques dianteiro do Ford e assim bloquear

qualquer tentativa de fuga. Corajosamente, aproximou-se de Ian Ball. Este encostou-lhe o revólver às costelas e ordenou: «Afastese!» Quando Martin se virou, viu o policial Hills, que, quase inconsciente, procurava alvejar Ball com a pistola emperrada pertencente ao guarda-costas da princesa. Cambaleante, Hills tentava firmar a pontaria. Martin puxou-o para a calçada, e aí o policial desmaiou.

Outro transeunte, o jornalista Brian McConnell, saltou de um táxi, disposto a enfrentar Ball, mas este se virou rapidamente e avisou: «Não se meta nisto!» McConnell avançou mais dois passos e recebeu um tiro no peito.

Um terceiro indivíduo desarmado, Ronald Russell, um robusto homem de negócios, com 1,80 m de altura, abandonou seu carro e atravessou o Mall correndo. Enquanto isso, o raptor tentava quebrar o vidro da janela da limusine com a coronha do revólver. Russell atingiu-o com um soco no lado da cabeça. Ball fez fogo, mas falhou. Nesse momento, o homem de negócios correu rapidamente para o outro lado do carro, onde o motorista do Jaguar estava cuidando do policial ferido. «Dê-me o cassetete dele», pediu Russell. Então soaram mais dois tiros. Sem esperar pelo cassetete, Russell voltou atrás, verificando que Ball havia forçado a porta e, mais uma vez, puxava pela Princesa Anne. Com a arma apontada, Ball dizia-lhe: «Venha Anne. Você sabe que tem de vir.»

«Porque não vai embora?», perguntou a princesa calmamente. «Que vai ganhar com tudo isto?»

Como uma criança a quem inesperadamente tivessem repreendido, Ball olhou-a com surpresa e, por momentos, ficou irresoluto. A Princesa Anne aproveitou a oportunidade. Conseguiu livrar o braço e se afastou para fugir pela porta do outro lado. Quando Ball, depois de ter contornado o carro pela frente, se aproximou, Mark Phillips puxou outra vez a esposa para o interior do carro. O corpulento Russell, colocando-se à frente da princesa como um escudo, enfrentou o delinqüente; quando este ficou ao seu alcance, atingiu-o com um potente murro, e depois mais um; o último soco foi desferido com tamanha força que Ball perdeu o equilíbrio e se estatelou no solo.

Ao erguer-se, ouviu as sirenes dos carros da polícia que se dirigiam para o local. Aí, tentou fugir.

Quando saltou de um carro de radiopatrulha, o experiente detetive Peter Edmonds escutou o apelo lançado pela princesa: «Agarrem-no!» Localizou Ball correndo de arma em punho. Deu-lhe caça e o derrubou com um espetacular mergulho nas pernas. Logo após, cinco policiais caíram sobre Ian Ball e um deles retirou-lhe o revólver ainda com cinco balas no tambor.

Haviam decorrido sete minutos desde que o seqüestro principiara.

Uma mulher saiu do seu automóvel, que ficara retido no engarrafamento, aproximou-se da li-

musine real e viu Mark Phillips ainda envolvendo sua esposa num abraço protetor. «Você está bem, minha querida?», perguntou a mulher. O casal olhou para ela e sorriu-lhe cordialmente. «Estou bem, obrigada», respondeu a Princesa Anne.

NO DIA 22 de maio, Ian Ball confessou-se culpado de duas tentativas de assassinio, dois crimes de agressão e uma «tentativa de seqüestro de Sua Alteza Real a Princesa Anne». O julgamento foi breve. Um psiquiatra da Secretaria do Ministério do Interior testemunhou que Ball sofria de grave desequilíbrio mental, e o Juiz Supremo ordenou que ele ficasse detido «por tempo ilimitado». Ian Ball foi internado no Hospital Rampton, em Nottinghamshire, que se encontra sempre rigorosamente guardado.

Em novembro, a rainha presidiu no Palácio de Buckingham a uma

cerimônia especial. James Beaton foi galardoado com a George Cross, a mais alta condecoração britânica para atos de heroísmo praticados em tempo de paz; Ronald Russell e Michael Hills receberam a George Medal; Alec Callender, Peter Edmonds e Brian McConnell foram agraciados com a Queen's Gallantry Medal; e, finalmente, Glanmore Martin contemplado com a Queen's Commendation por atos de bravura.

Com esses sete minutos de violência no Mall, Ian Ball fez com que se resolvesse um problema que até então ninguém conseguira. A partir desse dia, as medidas de segurança e proteção à família real foram incrementadas de maneira drástica. Ele próprio declarou aos detetives: «Uma boa coisa irá resultar de tudo isto – vocês serão obrigados a aumentar a proteção à Princesa Anne.» Pelo menos nesse aspecto Ian Ball conseguiu acertar.



QUANDO da inauguração de um novo hotel perto do aeroporto de Schiphol, em Amsterdam, o príncipe Bernhard dos Países-Baixos recebeu uma grande salva de palmas pelo seu discurso, que foi feito depois de outros oradores terem falado por 40 minutos. O príncipe anunciou simplesmente: «Após tanta eloqüência, só posso ficar calado.» Logo a seguir, cortou a fita inaugural.

– Director, Inglaterra

NO AEROPORTO internacional de Tulsa, Oklahoma, ouviu-se uma voz pelo sistema de alto-falantes internos: «Atenção senhor chefe do Departamento de Reclamações do Imposto de Renda! Por favor, compareça ao balcão de informações.»

Embora o aviso fosse feito por diversas vezes, o representante não aparecia, mas, em poucos minutos, já havia uma porção de pessoas junto do balcão para falarem com ele.

– P. e W. M.